



## **ENSINO E CASTIGO NA SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO: revisitando a história**

Mercina Barbosa dos Santos\*

Marion Machado Cunha\*\*

### **RESUMO**

Este artigo enfatiza a análise e discussão das experiências de pessoas que experienciaram o castigo na escola e refletir as relações de vivências que tiveram na escolarização, considerando o século XX. A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Sinop, devido à sua condição de cidade de colonização e ter pessoas de vários estados brasileiro, situação que facilitou o desenvolvimento do trabalho. Os objetivos da pesquisa foram compreender as dificuldades enfrentadas pelas pessoas e como elas se sentiam diante dos castigos e analisar as relações existentes entre o castigo e as práticas educativas no processo contraditório capital e trabalho. A pesquisa é qualitativa sobre orientação da metodologia da história oral, de cunho marxista para apreender as relações sociais e históricas estabelecidas pelos sujeitos. O roteiro desta foi composto por entrevista semiestruturada, seguido de um roteiro com quinze perguntas, com oito com pessoas de diferente grau de escolaridade, da zona rural da zona urbana. O resultado da pesquisa aponta que os sujeitos envolvidos possuem experiências que os afligem e está fortemente presente em suas memórias: a educação sustentada no castigo. A sociedade está marcada por desigualdades e opressões legadas de outrora e que estão nas memórias dos colaboradores, seres que vivem em uma sociedade individualista e exclusiva. A educação humanizada e de reconhecimento humano não é possível enquanto o humano viver sob a égide do capital.

**Palavras-chave:** Educação. Ensino. Castigo. História Oral.

---

\* Aluna do 7º semestre do curso de Pedagogia do *campus* Universitário de Sinop – UNEMAT. Pertence ao Grupo de Orientação do professor Dr. Marion Machado Cunha.

\*\* Graduado em História pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Imaculada Conceição. Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutorado pela Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

## **1 INTRODUÇÃO**

Este trabalho é resultado de uma pesquisa que teve por objetivo refletir as relações de vivências de pessoas que tiveram na escolarização, métodos punitivos durante o século XX, ou seja, na década de setenta. A escolha do tema se deu porque na prática cotidiana tive convívio com os castigos que eram aplicados nas escolas, no início da minha escolarização, e com isso se deu o interesse em pesquisar, para melhor compreender as concepções pedagógicas sustentadas pela prática do castigo. A pesquisa é qualitativa sobre orientação da metodologia da história oral, que resultou por meio de um estudo qualitativo onde envolveram pessoas que estudaram na época em que eram praticados castigo nas escolas.

A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Sinop, devido à diversidade cultural na qual facilitou o desenvolvimento do trabalho. Aqui se encontra pessoas de todas as regiões do Brasil, que vieram em busca de uma estabilidade econômica e social.

O desenvolvimento do trabalho foi realizado no período de fevereiro de 2011 a maio de 2012. Teve como foco principal pesquisar a concepção da educação sustentada no castigo na década de setenta, onde por meio de entrevista semiestruturadas foram coletados depoimentos de oito pessoas que vivenciaram nessa época os métodos punitivos praticados na educação.

## **2 A O CAPITALISMO E A ESCOLA DO CASTIGO: aproximações teóricas**

A escola, mais que uma instituição de ensino, é produto da história e reflete a dinâmicas sociais. Pode-se, com certeza, apreendê-la no modo como a sociedade produz sua existência. A cada nova relação econômica e produtiva, o modo como homens produzem a história (MARX, 1998) ele responde as estruturas e conjunturas vigentes. Quando falamos em escola no capitalismo, referimo-nos a uma escola mediada pelas contradições centrais do capitalismo: capital e trabalho. O homem e seus processos formativos na sociedade capitalista estão condicionados pela produção da mercadoria.

No processo de emergência do capitalismo com advento da industrialização, as práticas educativas orientavam-se para racionalizar a capacidade produtiva da força de trabalho. Para as escolas de instrução reservadas aos trabalhadores, as práticas punitivas se tornaram cada vez mais empregadas, como tentativa de disciplinamento do trabalho para a produção Industrial e ampliação de sua jornada de trabalho.

A educação é o processo pelo qual o sujeito vai adquirindo conhecimento necessário para seu cotidiano onde possa revelar valores de diversas ordens, social, política e cultural.

Nesse sentido, em concordância com Mészáros (2005, p. 35), a educação escolar tem função necessária e estratégica para fornecer conhecimento pessoal. Nesse movimento nos cabe entender o castigo presente nas relações de produção capitalista e compreender as leis de reprodução alavanca e alavancaram as práticas educativas com base no castigo.

O uso do castigo físico também levou à necessidade da organização de construção mais eficientes da disciplina, a educação escolar não foi avaliada para fim do castigo corporal, que era considerado eficaz para disciplinar os alunos e desta forma conduzir para a civilização que era tão almejada e o castigo era aplicado conforme o ato cometido.

Na sociedade com interesse pelo desenvolvimento econômico o trabalhador ele próprio precisa superar os limites que se impõe com impedimentos a vida e sua realização plena. Disso é importante considerar inclusive o acesso ao conhecimento historicamente acumulado, que na sociedade capitalista, serve apenas para acumular riquezas.

De acordo com Cunha (2010, p. 21), a formação escolar, considerando as relações objetivas da acumulação do capital e exploração do trabalho, também se efetiva por constantes disputas entre as classes antagônicas, a burguesia e os trabalhadores, fundamentalmente.

Nunes (2000, p.371) no Brasil nos tempos coloniais, a aplicação dos castigos corporais foi uma prática educativa comum a que recorriam os missionários/educadores, das ordens religiosas vindas da Europa com a missão de catequizar e educar os indígenas, negros desobedientes que resistiam à aculturação, e entre os séculos XVI a XX migrando para as escolas os castigos.

Referimo-nos às escolas que até a década de setenta realizava com convicção do castigo, como forma obrigatória de aprendizagem e conduto. Por isso, quando pensamos em termos históricos de estudo dessa pesquisa, retratar uma realidade que implica estabelecer uma relação entre a concepção e a realidade social em sua inscrição objetiva. A sociedade marcada por diferença exploração e dominação que ajeitara a prática social, e são refletidas na educação pela qual a sociedade apoiava o castigo como prática educativa na escola em década de setenta passados.

É dessa sociedade marcada pelas leis de capital que precisamos investir em conhecer também sua relação com a prática do castigo na escola, de um momento que persevera num tempo vivo no passado que herdamos.

Ainda, de acordo Nunes (2000, p.371. grifo do autor), apesar dos rituais religiosos impregnaram a escola primária, e seus procedimentos de disciplinar não era nada cristão os castigos eram muito severos como bolo de palmatória com grão de milho na palma da mão, beliscões, cascudos puxões de orelhas, ficarem de joelho no grão de milho ou feijão e entre outros. Os castigos escolares como parte integrante do processo metodológico tradicional acompanhou a educação durante vários anos, até surgirem questionamentos, discussões e debates, que defendiam a criação de novos regulamentos escolares para abolir os castigos.

Em Mato grosso, tanto professores como pais não viram com bons olhos o fim dessa metodologia disciplinar praticadas nas escolas. Segundo Siqueira (1990, p.27):

Castigar representava um ato educativo. Assim, os Regulamentos modernos, veiculados em Mato Grosso a partir da década de 1970, não mais concebiam a utilização dos castigos físicos no interior das salas de aula. Esse preceito, certamente, causou estranheza tanto por parte dos professores quanto dos pais que, acostumados a repreender através de mecanismos explícitos, especialmente o uso do castigo. Devido abolição dos castigos físicos nas escolas houve certa resistência por parte de professores e até da sociedade o castigo desenvolvia certo aborrecimento aos estudos e a frequência na escola.

A prática punitiva era considerada natural, uma vez que compunha por uma sociedade de moldes, e a punição não era restrita somente na escola, era vista pela sociedade como algo natural. Disciplinar os alunos na escola nesse tempo era visto como incentivo para o desenvolvimento escolar.

A educação é vista como expectativa de conhecimento e todos nós temos direitos de adquirir esse conhecimento de forma que possamos construir nossa própria identidade, e sermos capazes de decidir o melhor em nossas vidas. Uma educação humanizada e reconhecida como parte integrante de um ser que vive em uma sociedade individualista e exclusiva.

### **3 METODOLOGIA**

A abordagem metodológica se delineou pelo caráter do objeto. Nessa direção, pesquisa qualitativa sob a perspectiva da história oral, com enfoque marxista, expressava a dimensão necessária para apreender o objeto como um conjunto de relações sociais estabelecidas nas quais “há um fundamento de condição essencial que exprime as conexões daquilo que é o próprio fenômeno estudado” (CUNHA, 2010, p.22).

A pesquisa qualitativa é basicamente aquela que busca apreender o fenômeno histórico em todas suas relações, vislumbrando fazer explicitar suas propriedades necessárias. Em seguida empregamos a entrevista semiestruturada que de acordo com Triviños (1987, p147),

Na entrevista semi-estruturada é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam á pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplos campos de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão seguindo á medida que recebe a respostas do informante.

Para o autor acima há outros meios para estudar o produto sem desconhecer a importância como a autobiografias, os diários íntimos, as confissões, as cartas pessoais etc. Estes podem ser importantes para o estudo atingir os objetivos proposto para o desenvolvimento do trabalho. Thompson (1992, p. 315) afirma sobre a utilização desse método:

As entrevistas, como todo testemunho, contêm afirmações que podem ser avaliadas. Entrelaçam símbolos e mitos com informação, e podem fornecer informações tão válidas quanto as que podemos obter de qualquer outra Fonte humana. Podem ser lidas como literatura: mas também podem ser Computadas.

As entrevistas são meios que facilitam e despertam nos interlocutores maiores interesse para relatar seus depoimentos, pois os deixam mais a vontade para lembrarem o passado. E o nosso objetivo com essa orientação foi o de obter os conhecimentos vivenciados do sujeito, que relatou suas experiências da educação sustentada nas práticas punitivas durante o século XX, tempo em que frequentavam a escola.

No início foram feita apresentação pessoal, o tema da pesquisa e o roteiro da entrevista semiestruturada. Alguns dos entrevistados tiveram interesses em fazer a leitura do roteiro da pesquisa com as respectivas perguntas antes de dar início à entrevista e outros só deram uma olhada e disseram que estavam pronto para dar início. Na primeira visita na casa das pessoas que seriam entrevistadas tratamos de realizar contatos preliminares para facilitar interações com os sujeitos. Essa orientação tinha a função de construir uma afinidade necessária entre a pesquisadora e os entrevistados. Para captar as experiências, as lembranças e tempo de vida recorreremos a história oral com condição necessária para o objeto de pesquisa.

A história oral permite a recuperação de vivências do sujeito ou experiências contadas por outros que trazem aspectos das memórias do grupo social em que o sujeito foi socializado. A história oral tem a capacidade de criar um elo entre as lembranças vivenciadas no passado para se tornar vivo no presente através dos relatos, que aos poucos o narrador vai relatando os fatos passo a passo para melhor compreensão da história narrada por ele.

Vivemos num mundo marcado por imensos contrastes, por um lado, com realidades homogêneas de miséria e dificuldades para os trabalhadores e do desfrute de riquezas de uma minoria, constituída por grupos restritos de pessoas. E, por outro lado, uma intensa desigualdade, heterogenia, de inúmeros problemas e mazelas atingindo milhões de pessoas.

### 3.1 AS EXPERIÊNCIAS: lembranças relatadas no mundo de desigualdades

As experiências e lembranças relatadas ainda estão presentes na memória das pessoas que foram entrevistadas, como a realidade econômica que predominava na época, a escola em que estudavam e, em específico àquelas relacionadas ao ensino sustentado no castigo.

Três entrevistados relataram suas experiências na qual demonstraram ter mágoas e revolta pelas lembranças dos fatos acontecidos durante a sua infância. O restante dos entrevistados relatou que os castigos, por mais que os constrangesse na frente de outros colegas, era a forma normal de se ensinar.

Os relatos explicitam presentemente tempos passados, lembrados, mas vivos atuais, porque a sociedade do capital era e é marcada por desigualdades sociais, por opressão e dominação, na qual constituía e constitui a prática social – que era e é reproduzida na e pela escola. De acordo com Mészáros, (1995, p. 129 139),

O novo surto de crescimento das forças produtivas é portador de contradições novas e pode aguçar velhas contradições não resolvidas. Esse crescimento tem provocado o aumento da pobreza na periferia e no centro. O Estado de bem-estar, que integrou o movimento operário europeu, está em crise. Amplos setores das classes médias encontram-se num processo de degradação sócio-econômica, depois de terem, de modo desigual, garantido alguma melhoria com o Estado de bem-estar no centro, e com a industrialização dependente na periferia.

As diferenças de classe social é uma das causas que aflige a realidade, na qual a minoria é privilegiada e a maioria continua menosprezada. As famílias dos sujeitos viviam da agricultura familiar e trabalhava em fazendas. A maioria era de vilas das zonas rurais, mas quase todas tinham algo em comum na maneira de viver: eram agregados, trabalhava muito produzindo suas lavouras para suas subsistências e ainda tinha que dividir tudo àquilo que produzia com o patrão. Essa situação está muito presente nas lembranças de:

**(1) Violeta<sup>1</sup>:** Sua família trabalhava como meeiro nas fazendas. Plantava e colhia, mas dividia a metade para o dono da terra e metade para seu pai que vendia para comprar o que não produzia e o restante ficava para despesas.

As principais exigências eram: que os contratos teriam que ser renovados todo ano e que trabalhadores não construíssem casas de alvenarias ou algo parecido na terra, pois assim com o contrato renovado todo ano e morando em ranchos, barracões e casas de taipa cobertas de palhas ou de capim sem conforto algum, assim ficava fácil do fazendeiro retirar aquela família em qualquer eventualidade, que por ventura viessem acontecer.

Para os mesmos trabalhar e estudar para eles não era fácil devido os problemas que enfrentavam dentro da própria casa; primeiro era a dificuldade da manutenção da vida da prole, garantir o mínimo para a reprodução da vida. Isso implica limites fundamentais a muitas famílias, entre eles o acesso ao conhecimento acumulado, o impedimento dos pais também de terem formação escolar. Essas situações são narradas por Flávio, quando retoma a década de setenta expondo os limites não somente materiais a vida. Limites de esperanças negadas:

**(2) Lírio:** Não gostava da distância de casa até chegar à escola sofria muito com chuva, e durante o tempo de frio sofria com a geada não tinha agasalho suficiente à lembrança ruim é que se fazia sol, chuva ou frio na época e o nosso calçado era conga tínhamos que ir descalço até chegar à escola porque se fossemos calçado molhava tudo e era pior ficar na sala de aula com o calçado molhado, e não podia faltar na aula.

A família valorizava muito o acesso das crianças à escola, mesmo assim a evasão escolar antes de concluir o terceiro ano primário acontecia e, quando ocorriam, estavam relacionadas à necessidade de auxiliar os pais nos trabalhos na lavoura e também a distância das escolas.

#### **4 O CASTIGO E O CASTIGADO: vítimas de que escola?**

Somente no século XX com o avanço da globalização, industrialização e surgimento de novos movimentos sociais que exigiam dos governantes uma educação de qualidade para todos sem distinção de cor, raça, cultura e etnia e abolindo os castigos.

---

<sup>1</sup> Todos os nomes são de flores, pois são fictícios para salvaguardar a identidade dos sujeitos desta pesquisa.

Em alguns lugarejos longe das grandes cidades que continuaram fazendo o uso do castigo. A educação sustentada no castigo era totalmente aceita na sociedade brasileira até a chegada do século XX.

**(3) Antúrio:** Método usado na época era muito rudimentar a violência verbal estava sempre presente os castigos eram severos sofri muito castigos como: ficar em pé com o rosto colado no mapa para aprender as atividades e apresentar as respostas para a professora, apanhei de régua na cabeça, de palmatória, fiquei de joelho no grão de milho e lembro de uma professora que tinham as característica masculina ela me deu uma sapatada na cabeça que causou uma perfuração isso era normal e meus pai achava normal castigos.

A escola punitiva tinha a disciplina como a condição dos alunos. Evidentemente que esse caráter histórico da escola explicita não somente uma escola, mas uma escola com funções objetivas das leis capitalistas com a quais se deparou a classe trabalhadora.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na análise constatamos que os castigos físicos eram comuns, e os entrevistados comentaram claramente nas entrevistas sobre os castigos físicos, afirmando que duraram até o final do século XX nas grandes cidades, e em lugarejos isolados permaneceu por vários anos.

Foi possível perceber que ainda está presente nas memórias dos sujeitos entrevistados fortemente atrelados aos castigos. Buscamos através desta pesquisa uma melhor abrangência das relações que passaram a escola e da qual a escola atual ainda é herdeira.

A vida dos trabalhadores efetiva-se nos movimentos movediços da desigualdade social, política, econômica e cultural. Não há nada “de acaso” na vida dos sujeitos da pesquisa: agricultura familiar, meeiros, famílias numerosas, uma infância já marcada pela necessidade de trabalhar, pais vivendo como agregados nas terras dos fazendeiros, as escolas das “vilas”, ou até mesmo nas fazendas, os relatos expressam a vida em comum. Uma vida de desafios de milhares de trabalhadores.

Procuramos aproximar os entrevistados para resgatar da sua memória as experiências vividas e foi valiosa para o trabalho, em que as vivências importantes vieram à tona, adormecidas, mas não esquecidas.

## **EDUCATION AND PUNISHMENT IN THE CLASSROOM OF EDUCATION:**



## reviewing the history

### ABSTRACT<sup>2</sup>

This article emphasizes the analysis and discusses the experiences of people who experienced the punishment in school. It also reflects the experiences they had relations in education, considering the twentieth century. The research was conducted in the city of Sinop, due to their status as the city of colonization and because it has people from various Brazilian states, a situation that facilitated the development of the work. The research objectives were to understand the difficulties faced by people and how they felt before the punishment and examine the relationship between the punishment and educational practices in adversarial proceedings capital and labor. It is a qualitative research with guidance on the methodology of oral history, in relation to Marxism to understand the social and historical relations established by the subjects. The script was composed of semi-structured interview, followed by fifteen questions, with eight people from different levels of schooling, in rural village and the cities. The research result shows that the subjects involved had experiences that affected them and is strongly present in his memories: a sustained education in punishment. The society is marked by inequalities and oppressions of the past legacy and memories of the collaborators are the beings who live in an individualistic and exclusive society. Education humanized and human recognition is not possible while the human living under the power of the capital.

**Keywords:** Education. Teaching. Punishment. Oral History.

### REFERÊNCIAS

CUNHA, Marion Machado. **A identidade profissional e a preparação para o trabalho** no Centro de Formação Profissional de Santa Maria (RFFSA/SENAI) – 1973 a 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2001.

\_\_\_\_\_. **O trabalho dos professores e a universidade do Estado de Mato Grosso em Sinop / MT na década de 1990: o sentido do coletivo.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

---

<sup>2</sup> Transcrição realizada pela aluna Catyane Roberta Hauth (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**) e revisão pela professora Leandra Ines Segnfredo Santos (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

MARX, Karl. **O Capital**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. 1.1. v.1.

MÉSZAROS, István. O marxismo hoje. **Rev. Crítica Marxista**, Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_. **A educação além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

NUNES, Clarice. (Des) Encanto da Modernidade Pedagógica. In: LOPES, T E.M; FARIAS FILHO, M. L; VEIGA, G. C Org.. **500 Anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PAULI, Lírio. **Lírio Pauli**: depoimento. [15 Outubro. 2011]. Entrevistadora: Mercina Barbosa dos Santos. Sinop, MT, 2011. Samsung (1h. 00 mim). Entrevista concedida para o trabalho de conclusão do curso de licenciatura pedagogia Sinop-MT 2012.

SIQUEIRA, Elizabete M. et al. **O processo histórico de Mato Grosso**. Cuiabá: Guaicurus, 1990.

SOUZA, Violeta. **Violeta Souza**: depoimento. [15 Agosto. 2011]. Entrevistadora: Mercina Barbosa dos Santos. Sinop, MT, 2011. Samsung (1h. 10 mim). Entrevista concedida para o trabalho de conclusão do curso de licenciatura pedagogia Sinop-MT 2012.

TAVARES, Anturio. **Anturio Tavares**: depoimento. [23 Dezembro. 2011]. Entrevistadora: Mercina Barbosa dos Santos. Sinop, MT, 2011. Samsung (50 mim). Entrevista concedida para o trabalho de conclusão do curso de licenciatura pedagogia Sinop-MT 2012.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo; Atlas 1987.